



www.observatoriodacritica.com.br

A PROPÓSITO DA CARTA ABERTA AOS POETAS BRASILEIROS, de ALEXEI BUENO.

Jornal da Poesia

Disponível em:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/disseram40.html#ruy> acesso em: 16 dez. 2010

A PROPÓSITO DA CARTA ABERTA AOS POETAS BRASILEIROS, de ALEXEI BUENO.

Ruy Espinheira Filho

Muito choro, descabelamento e ranger de dentes. E por quê? Porque um dos nossos poetas mais importantes resolveu tocar em certas verdades. E em verdades até muitíssimo sabidas: a falta de seriedade (com raríssimas exceções) da crítica literária no Brasil de hoje; o grupismo que domina revistas e jornais, além de departamentos universitários, dedicando-se à promoção de seus integrantes ou “eleitos”, em detrimento de quaisquer nomes que não sejam da camarilha; o neoparnasianismo das “vanguardas” e seus epígonos; a ausência de sensibilidade poética; falta generalizada de cultura, etc. Verdades, enfim, que só mesmo a desfaçatez das *camorras* (para usarmos um termo do texto do Alexei Bueno) pode querer negar.

Embora o Alexei tenha colocado a minha poesia entre as que não encontram lugar na crítica costumeira da chamada grande imprensa, o que é verdade, sou um nordestino que pode falar sem temer acusações de ressentimentos, pois minha literatura não é das que mais sofrem com essa política de exclusão. Pelo menos em termos editoriais, já que tenho livros lançados por editoras como a Civilização, a Brasiliense, a Nova Fronteira e a Record (esta, a editora dos meus dois últimos volumes). Enfim, sou uma das raras exceções entre centenas de autores nordestinos,

alguns de excepcional qualidade, que jamais conseguem ultrapassar as fronteiras de seus Estados (ou mesmo municípios, cidades). Posso, pois, falar sem temer acusações de “ação em causa própria”: a literatura produzida na maior parte do País vem sendo solenemente ignorada por aqueles que dominam meios de comunicação e universidades, particularmente no Sudeste. É uma literatura, sobretudo a poesia, condenada à pena máxima do Grande Silêncio... Outra face do oswaldiano “não li e não gostei”, piadinha mau-caráter que faz sucesso entre os pobres de espírito da nossa triste República das Letras.

O que se faz, por ação ou omissão, para silenciar vozes neste País é algo hediondo. Mário de Andrade, em sua famosa conferência sobre o Modernismo, dizia que a nova mentalidade exigia da Inteligência nacional “estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguases”. Em outras palavras: é obrigação do intelectual estar atento à cultura como um todo, não apenas ao que se processa em seu estado, em sua cidade, em sua roda de acumpliciados. Exatamente o contrário do que acontece hoje: ou o autor se une a alguma camorra ou ninguém, ou quase ninguém, fala dele. Claro que, no final, o Tempo, que é o crítico definitivo, dará a cada um o seu merecimento. Mas até lá, como lembrou o Alexei em entrevista, gente como Cruz e Sousa morre de fome... Sabiam os contemporâneos de Cruz e Sousa quem era ele? Somente uns raros sabiam. Porque os espaços estavam reservados aos poderosos da época, os cantados e decantados, dos quais não restou nem, como diz o povo, pó de traque...

Os que discordam do Alexei têm direito a essa discordância, mas é de se esperar que discordem com argumentos, não com frases ressentidas ou simples palavreado agressivo. E que não venham com essa conversa boba de classificar uns de “conservadores”, outros de “vanguardistas”, aqueles de “subjetivos” – porque nada disso vale nada, se o argumento estético não existe. O que

importa mesmo, no caso, é saber se há poetas, se há poesia. O poeta Fulano é superior porque é “objetivo”? Mas o que é isso de objetividade em poesia? E essa história de classificação: pré-modernista, modernista, moderno, pós-moderno... Quanta bobagem universitês! Disseram que Bandeira escreveu o que escreveu em *Libertinagem* por ter se tornado um poeta modernista – e o poeta disse que escrevera aqueles poemas de tal maneira devido simplesmente ao fato de ter ido morar no Morro do Curvelo... Está lá no *Itinerário de Pasárgada*, para quem quiser conferir. Os professores (e mais uma vez sou insuspeito para falar, pois sou professor de Literatura) costumam ensinar que por volta dos anos 30 tínhamos modernistas e modernos; Mário de Andrade, escrevendo em 1931, falava no “neo-neo-romantismo dos contemporâneos”... Muito tempo depois, em 1986, num artigo publicado no *Jornal do Brasil*, José Guilherme Merquior, depois de elogiar a “musa da confiança” bandeiriana (ou seja: o *individualismo*, o *subjetivismo*, meus caros “objetivistas”...), afirma que Mário, Bandeira e Drummond eram “menos modernistas que modernos românticos”. Por que vou eu achar que o Mário e o Merquior têm menos razão do que os que se limitam aos livros didáticos e aos que se sujeitam às camorras?

Quanto às influências sofridas pelo Alexei, que têm sido criticadas, qual o problema? Todo mundo tem influências. Bandeira enumera dezenas. Mário justificava até o roubo, contanto que produzisse uma obra original. Drummond falava em furto poético, das obras de poetas que ele incorporara, como dizia, “ao fatal meu lado esquerdo”. Eu poderia citar aqui uma infinidade de exemplos, de confissões, mas acho que já escrevi muito além da conta. Só acrescentarei que as influências do Alexei são as que o seu talento escolheu. Sua particular sensibilidade. Sua correspondência poética. Ele não tem obrigação de ser influenciado por Cabral, muito menos pelos

Campos, muitíssimo menos pelos seus epígonos. Ele é influenciado pelos poetas que ama e respeita – como um Camões, um Pessanha, um Pessoa, por exemplo. A verdade é que cada qual tem as influências que pode ter. O que interessa saber é se um poeta é capaz de criar com suas próprias forças – e o Alexei já provou que é capaz. Querer atacá-lo porque ele não forma na ordem-unida de certos grupos é, como dizia o Mário, bobagem bêbada. Dizer que ele está na contramão... mas contramão de quê? Ele está na “mão” dele, e é o que basta. E é uma bela “mão”, já que nos deu coisas como, por exemplo (e cito o que me ocorre ao bater das teclas), *História, Um Denário de Heliogábalos* e a obra-prima *Helena*. Também há quem diga que ele é “conservador” porque se utiliza de inúmeras técnicas, rimas sofisticadas e metros variados, além do verso livre. Quer dizer: ele é “conservador” por ser um poeta culto, não limitado ao versinho desnutrido e manco dos “avançados”! Enfim, invertem-se os papéis: a pobreza (lítica e de cultura poética) passa a ser o melhor, a vanguarda. Oh, por favor, vão ler Mário, vão ler Bandeira, vão ler Drummond... Eles não são autores do passado, não: estão vivíssimos. São da poesia brasileira de todos os tempos. Mas para saber isto é preciso ser, *mesmo*, leitor de poesia...

Bem, a *Carta Aberta* de Alexei queria provocar discussão, debate – e está conseguindo. Mas que seja, realmente, uma esgrima de idéias, não choro, descabelamentos e ranger de dentes. Quem não tiver nenhuma idéia para trazer a campo, é de se esperar que permaneça em casa, entregue ao seu duro ofício de produzir coprólitos. Ou – os fiéis epígonos – coprólitos de coprólitos.

Bahia, 14 de fevereiro de 2002.